

Artigo

**PREVENÇÃO DO SUICÍDIO PELOS ENFERMEIROS NA ATENÇÃO
BÁSICA: PRÁTICAS E DESAFIOS**

**PREVENTION OF SUICIDE BY NURSES IN BASIC CARE: PRACTICES AND
CHALLENGES**

Esthéfanny Jorge Ribeiro¹
Maria Thereza da Silva Gonçalves²
Mayara Dias de Souza³
Maura Vanessa Silva Sobreira⁴
Francisco Andesson Bezerra da Silva⁵

RESUMO - Objetivo: Analisar as práticas de enfermeiros da atenção básica acerca da prevenção do suicídio. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva com abordagem qualitativa, realizada com 17 enfermeiros que atuam em unidades básicas de saúde localizadas na cidade de Cajazeiras-PB. As informações foram obtidas por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas mediante agendamento. Os dados foram analisados conforme a técnica de análise de conteúdo. **Conclusão:** No que se refere à prevenção do suicídio, é imprescindível a adoção de um cuidado científico, longitudinal, resolutivo e dinâmico, planejado de acordo com as peculiaridades individuais e coletivas. A disposição e o empenho, por parte dos enfermeiros, em reorientar práticas, o interesse em compreender a temática do suicídio aliada à capacitação profissional, por meio da

¹Graduanda em Enfermagem pela Faculdade Santa Maria, Cajazeiras, Paraíba, Brasil; e-mail: esthefanny_ip@hotmail.com;

²Graduanda em Enfermagem pela Faculdade Santa Maria, Cajazeiras, Paraíba, Brasil; e-mail: therezamaría94@gmail.com;

³Graduanda em Enfermagem pela Faculdade Santa Maria, Cajazeiras, Paraíba, Brasil; e-mail: mayara_dis@hotmail.com;

⁴Doutora em Ciências da Saúde pela Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, Mestre em Enfermagem – UFRN, Docente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Docente da Faculdade Santa Maria, Cajazeiras, Paraíba, Brasil; e-mail: mauravsobreira2@gmail.com;

⁵ Mestrando em Saúde Coletiva pela Universidade Católica de Santos, SP, especialista em Gestão das Políticas em DST/aids, Hepatites Virais e Tuberculose pela UFRN, Natal, RN, Gerente Regional de Saúde da 10ª Gerência Regional de Saúde, e-mail: andessonbr@hotmail.com.



Artigo

educação permanente em saúde, favorece a superação das dificuldades relacionadas às práticas de prevenção do suicídio na atenção básica.

Palavras-chave: Enfermagem; Prevenção primária; Suicídio.

ABSTRACT - Objective: To analyze the practices of primary care nurses about suicide prevention. **Methodology:** This is an exploratory and descriptive research with qualitative approach, conducted with 17 nurses who work in basic health units located in the city of Cajazeiras-PB. The information was obtained through semi-structured interviews conducted by appointment. Data were analyzed according to the content analysis technique. **Conclusion:** With regard to suicide prevention, it is essential to adopt a scientific, longitudinal, resolute and dynamic care, designed according to individual and collective peculiarities. The willingness and commitment of nurses to reorient practices, the interest in understanding the theme of suicide, combined with professional training through continuing health education, favors the overcoming of difficulties related to suicide prevention practices in care. basic.

Keywords: Nursing; Primary prevention; Suicide.

INTRODUÇÃO

Etimologicamente, o termo suicídio é oriundo do Latim, derivado da junção de duas palavras: *sui* que significa si mesmo e *caederes*, ação de matar. É um fenômeno complexo, multicausal, constando um importante indicador de qualidade de vida. Tem impactos negativos tanto na família como na sociedade já que expressa a morte, a partir da própria vítima, provocando repercussões no contexto de suas relações. Constituindo-se assim, em um sério problema de saúde pública (SANTOS et al., 2017; HECK et al., 2012).

O comportamento suicida é entendido como o ato de autoagressão praticado pelo sujeito, independentemente da letalidade desse ato ou conhecimento genuíno dessa atitude. Pode ser dividido em quatro momentos: ideação de realizar o suicídio, planejamento para concretizá-lo, as tentativas e, finalmente, o suicídio (DIEHL et al., 2011; SILVA; NÓBREGA; OLIVEIRA, 2018).



Artigo

De acordo com Heck et al. (2012), o suicídio não está relacionado a uma causa biológica ou hereditária; e sim, ao fato de que o indivíduo não encontra mais sentido em conviver coletivamente. Já Abreu et al. (2010) afirmam que o comportamento suicida pode ter origens genéticas, relacionadas a hereditariedade de transtornos psiquiátricos, como a esquizofrenia, por exemplo. E complementa dizendo que o risco para esse comportamento é uma conjugação entre o biológico e o psicossocial, onde um potencializa o outro.

De acordo com estimativas da Organização Mundial de Saúde (OMS), a incidência mundial de suicídio chegará a cerca de 1,53 milhões de pessoas em 2020, com um cálculo entre 10 a 20 vezes maior para casos de tentativa. No período de 2011 a 2015, foram registrados no Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) 55.649 óbitos por suicídio (SILVA; NÓBREGA; OLIVEIRA, 2018; BRASIL, 2017).

Sendo um fenômeno prevenível, é importante que o trabalho com o comportamento suicida extrapole os limites da psiquiatria e psicologia, de tal forma que outros profissionais estejam também habilitados a realizar a prevenção. Destaca-se, nesse contexto, a necessidade das ações em rede e do fortalecimento da atenção primária, porta de entrada do Sistema Único de Saúde (SUS) representada pela Estratégia Saúde da Família (ESF) (BOTEGA et al., 2006).

Evidenciou-se que mais de 75% das pessoas que cometeram suicídio procuraram um serviço de atenção primária à saúde no ano de sua morte e, nesse grupo, 45% procuraram a UBS no mesmo mês em que cometeram suicídio (SILVA et al., 2017). Sendo assim é possível constatar o papel fundamental dos profissionais da atenção básica, destacando a figura do enfermeiro que desempenha importante função devido à proximidade e potencialidade para formação de vínculo com a comunidade, possibilitando a detecção precoce de fatores de risco para suicídio, reduzindo o comportamento autodestrutivo (KOHLRAUSCH et al., 2008).

Diante da constatação de que os índices de óbitos por suicídio só crescem e que se trata de um agravo preocupante que atinge a saúde e a sociedade, busca-se responder os seguintes questionamentos a partir desse estudo: Qual a compreensão dos enfermeiros que atuam em unidades básicas de saúde em uma cidade do alto sertão paraibano sobre o suicídio? Quais ações são realizadas por eles para a prevenção do suicídio? Quais dificuldades e desafios são encontrados para promover a prevenção do suicídio?

O estudo poderá colaborar com a elucidação das práticas dos enfermeiros na prevenção do suicídio no contexto da atenção básica, possibilitando através da divulgação dos resultados, destacar a temática ainda pouco investigada na literatura.



Artigo

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório e descritivo com abordagem qualitativa, realizada em unidades básicas de saúde de uma cidade localizada na Mesorregião do Sertão Paraibano. A população analisada foi constituída por doze enfermeiros que atuam na Atenção Básica (AB). Desta forma, a amostra foi constituída pelos profissionais que se enquadraram nos critérios de inclusão e exclusão, estando inclusos os enfermeiros que possuíssem no mínimo um ano de experiência no serviço e que atuavam em UBS localizadas na zona urbana. Estando excluídos os enfermeiros que estavam de férias e que não aceitaram participar da pesquisa.

O projeto foi cadastrado na Plataforma Brasil, e direcionado para o Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Faculdade Santa Maria, tendo sido aprovado com parecer de nº 3.198.109.

A coleta de dados foi realizada após a aprovação do projeto pelo CEP, sendo que inicialmente foi encaminhado um ofício para a coordenadora da rede municipal de saúde responsável pelas Unidades de Saúde da Família explicando os objetivos do estudo, bem como solicitando autorização para realização da coleta.

O instrumento utilizado para coleta de dados foi um roteiro semiestruturado organizado por uma série ordenada de perguntas, contendo questões de caracterização dos profissionais e questões específicas acerca do tema prevenção do suicídio.

Antes da aplicação do instrumento de coleta os profissionais foram informados sobre os objetivos do estudo e foi apresentado aos mesmos o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). A aceitação em participar da pesquisa foi confirmada mediante assinatura do TCLE, o que autorizou a realização da mesma.

A interpretação e análise dos dados obedeceram ao procedimento de análises dos conteúdos qualitativos, conforme a técnica de análise de conteúdo de Bardin, organizada em três fases: pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Na primeira fase, a pré-análise, compreendeu a leitura geral e organização do material a ser investigado, no caso, o resultado da aplicação dos questionários. Na segunda fase, a exploração do material, o texto foi recortado em unidades de registro. Consideraram-se como unidades de registro, os parágrafos de cada questão discursiva dos questionários. Desses parágrafos, as palavras-chaves foram identificadas, fez-se o resumo de cada parágrafo para realizar a categorização de acordo com os temas. A terceira fase compreendeu o tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Respaldo-se no referencial teórico e feito por meio de análise comparativa, realizada através da justaposição das diversas categorias existentes em cada análise, ressaltando os aspectos



Artigo

considerados semelhantes e os que foram concebidos como diferentes (SILVA; FOSSÁ, 2015).

Na formação da pesquisa foram considerados os requisitos apresentados pela Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que trata de pesquisa e testes em seres humanos.

RESULTADOS

O estudo é constituído por uma população de adultos jovens, considerando que 50% (06) dos enfermeiros encontram-se na faixa etária entre 31 – 37 anos de idade, 25 % (03) encontram-se na faixa etária entre 24 – 30 anos e os outros 25% correspondem a faixa etária acima de 37 anos.

Em relação ao sexo, houve uma predominância feminina, considerando que, de 12 enfermeiros que participaram do estudo, 10 (84%) eram do sexo feminino e 02 (16%) do sexo masculino.

A partir dos dados pode-se inferir que o sexo feminino na enfermagem ainda se faz presente no atual contexto social, refletindo acontecimentos do passado quando a profissionalização feminina, ocorrida no século XIX, era relacionada aos papéis tradicionais femininos como o ato de servir, de cuidar, de educar (MATOS; TOASSI; OLIVEIRA, 2013).

No que se refere ao tempo de formação 35% (04) são graduados há menos de cinco anos, 25% (03) tem entre seis e dez anos de formação e 40% (05) são graduados há mais de dez anos. Em relação ao tempo de atuação na atenção básica, 75% (9) dos profissionais atuam há mais de cinco anos, 16% (02) atuam entre seis e 10 anos e 9% (01) atua há mais de dez anos. Dentre os que possuem especialização, 75% (09) possuem pós-graduação em Saúde da Família, 16% (02) possuem pós-graduação em outras áreas e 9% (01) não possui especialização.

É importante destacar que os dados relacionados à especialização dos profissionais mostram-se satisfatórios, pois a maioria possui pós-graduação relacionada a área de atuação o que contribui ainda mais para a qualidade do processo de trabalho.



Artigo

DISCUSSÃO

Por questões éticas e para resguardar a identidade dos participantes da pesquisa, optou-se por criar uma classificação numérica antecedida da letra *E*, ou seja, as identificações *E1, E2, E3, E4, E5, E6, E8, E9, E10, E11 e E12*, correspondem ao conjunto de nossa amostra.

Em relação às questões discursivas do estudo, estas foram organizadas em quatro categorias, a primeira se refere a compreensão dos enfermeiros sobre o suicídio; a segunda está relacionada ao entendimento sobre o papel do enfermeiro da atenção básica na prevenção do suicídio; a terceira propõe descrever as ações por eles realizadas para a prevenção e a quarta visa elencar as dificuldades e desafios enfrentados para a prevenção do suicídio.

Diante da análise da compreensão do suicídio podemos destacar que os enfermeiros que participaram do estudo têm ciência sobre o conceito de suicídio, definindo-o como uma situação de desequilíbrio e desespero, falta de solução e de ajuda, uma alta violência, essa percepção é evidente nos fragmentos a seguir:

[...] tirar a própria vida (E2, E6,E7,E8,E12, 2019)

[...] ato de atentar contra sua própria vida (E11, 2019)

É acabar com a própria vida (E3, 2019)

Quando a vítima se encontra sem saída para solucionar um problema (E4, 2019)

Um ato de desespero, a fim de colocar fim em um sofrimento (E9, 2019)

Etimologicamente, o termo suicídio é oriundo do Latim, derivado da junção de duas palavras: *sui* que significa si mesmo e *caederes*, ação de matar. Ou seja, ação de matar a si mesmo (SANTOS et al., 2017).

Indo além da etimologia, o suicídio é um ato consciente de autodestruição, vivenciado por um indivíduo em situação de vulnerabilidade, que o encara como a melhor maneira para sair de uma dor psicológica insuportável. Objetivando, dessa forma, dar fim à própria vida (RIBEIRO et al., 2018).

O comportamento suicida se refere a um tipo de conduta da pessoa que busca estratégias para aniquilar-se, essas estratégias vão desde a autoagressão até a própria



Artigo

morte. Aparece sob a forma de ideação suicida, quando há pensamentos que sustentam o desejo de dar fim à existência e se agrava quando acompanhados de um plano suicida a respeito do método a ser utilizado para o auto aniquilamento. Como tentativa de suicídio, quando envolve condutas voltadas à autoagressão em que há intenção de se matar, podendo resultar em ferimentos ou morte. Se a tentativa de suicídio resulta em morte, passa a ser definida como suicídio (BAHIA et al., 2017).

É essencial que, antes de tudo, o profissional conheça e compreenda a problemática e, embasado por uma visão holística do sujeito como também do contexto social no qual o mesmo está inserido, seja capaz de identificar fatores predisponentes e precipitantes e, partir da identificação, haja o desenvolvimento de um plano terapêutico que busque a prevenção.

Entende-se por fatores predisponentes, aqueles que estão diretamente ligados a prevalência do suicídio, tais como características sociodemográficas (idade, sexo e etc), fatores genéticos (esquizofrenia), transtorno mental (depressão, ansiedade, transtorno de personalidade) e fatores precipitantes, que são desencadeados por fatores estressores (perda ou luto, desemprego, separação conjugal). De acordo com OMS, a tentativa prévia de suicídio é o fator mais importante para avaliação do risco, sendo um ponto de partida para uma avaliação sobre a existência de planos e métodos (MELO et al., 2018).

Estratégias devem ser desenvolvidas em todo o processo do cuidado, desde de mecanismos para a identificação dos fatores de risco, que nem sempre são tão facilmente detectáveis, até o planejamento de uma assistência que vise a prevenção. A visão dos profissionais sobre o papel dos enfermeiros da atenção básica na prevenção do suicídio está voltada para o acolhimento, a prevenção e a orientação. Destacada nos seguintes relatos:

Orientação [...] (E2, 2019)

Prevenção e orientação para que o potencial “suicida” não cometa este ato (E3, 2019)

[...] orientar ações preventivas, além de apoiar indivíduo e família (E5, 2019)

[...] identificar e prevenir o suicídio [...] o enfermeiro [...] consegue criar maior vínculo com a comunidade, este [...] muitas vezes consegue identificar atitudes que antecedem este fato [...] (E6, 2019)



Artigo

Fazer uma escuta comprometida e identificar possíveis sinais [...] (E7, 2019)

Uma conversa qualificada com orientações acerca do suicídio [...] (E10, 2019)

O primeiro contato, sem dúvidas, é definidor para a formação de uma relação de confiança entre o usuário e o profissional de saúde. O estabelecimento desse vínculo é necessário para o sucesso das consultas subsequentes, possibilitando, até firmar um contrato terapêutico enfermeiro-usuário.

Entre as atribuições que competem ao enfermeiro, enquanto integrante da equipe de saúde da família, está a responsabilidade de acolher os usuários por meio da escuta de suas necessidades, estabelecimento de vínculo terapêutico, possibilitando a identificação de riscos e vulnerabilidades, o que contribui para o planejamento do cuidado (SILVA et al., 2017).

A escuta terapêutica é uma ferramenta eficaz de comunicação onde o profissional necessita tornar-se disponível para a construção de vínculo com o paciente, considerando que este, necessita expor seus sentimentos, medos e inseguranças para que possa ser tratado com sucesso e para isso precisa se sentir a vontade e em um espaço acolhedor (FERNANDES; LIMA; SILVA, 2018).

Considerando que o suicídio não atinge somente o indivíduo que o cometeu ou que tentou comete-lo, mas também a família e a comunidade no qual este está inserido, é importante que as ações de identificação de risco, de prevenção e orientação tenha uma abrangência individual e também coletiva.

Os trabalhadores de saúde da ESF atuam inseridos na própria comunidade e possuem um vínculo construído com as famílias de sua área adstrita, facilitando o desenvolvimento de ações de saúde direcionadas às necessidades da população, pois conhecem e vivenciam esta mesma realidade. O enfermeiro, portanto, pode se apropriar dessa oportunidade para atuar na promoção da saúde mental, que é uma ferramenta para o enfrentamento de relevantes problemas de saúde pública, dentre eles o suicídio (SILVA et al., 2016).

O enfermeiro, como já anteriormente relatado, encontra-se em posição estratégica para atuar na promoção e prevenção da saúde. Em se tratando dos problemas relacionados a saúde mental como é o caso do suicídio, sabe-se que, de acordo com dados do Ministério da Saúde, 22 a 25% dos usuários atendidos pelas Equipes de Saúde da Família apresentam transtornos mentais, e que estes são considerados fatores predisponentes para o



Artigo

comportamento suicida (OLIVEIRA et al., 2017). Dessa forma é imprescindível o desenvolvimento de ações, por parte dos enfermeiros, para a prevenção do suicídio. As ações apontadas pelos enfermeiros envolvem ações educativas, trabalho com grupos, suporte do NASF e encaminhamento. Assim relatam:

Orientações e palestras no setembro amarelo (E1, 2019)

Palestras e rodas de conversa (E2, 2019)

Educação em saúde [...] (E3, 2019)

Ações preventivas em educação em saúde para a população (E5, 2019)

Na unidade possuímos o “grupo de tabagismo” onde é feito reuniões semanais. Solicitação de apoio matricial nos casos mais graves (E8, 2019)

[...] solicitar apoio ou encaminhar para serviço especializado [...] (E7, 2019)

[...] apoio da equipe multiprofissional do NASF (E9, 2019)

[...] encaminhamento do paciente para uma equipe multiprofissional como o NASF [...] (E10, 2019)

Usualmente os grupos realizados na atenção básica são os de educação em saúde, sendo apoiados e valorizados pela ESF nesse nível assistencial pela proposta de promoção e prevenção. De modo geral, esses grupos são considerados como ações educativas e, quando realizados em conjunto com outros profissionais, a exemplo o psicólogo, de forma dinâmica em um modelo horizontal, proporcionam um compartilhamento de saberes e incentiva a corresponsabilização do cuidado. Porém, por vezes são realizados em modelos clássicos de transmissão vertical de informações, onde os profissionais fazem palestras para expor problemas de saúde. Este último modelo apresenta dificuldades referentes à adesão dos usuários, pois além de não estimular a participação nem a corresponsabilização no processo de construção da saúde, é monótono e repetitivo (BRASIL, 2011).



Artigo

A educação em saúde proporciona a mudança de realidade por meio da conscientização dos indivíduos. Compreende-se que, a postura de “escuta atenta” e abertura ao saber do outro possibilita a construção compartilhada do conhecimento e de processos de cuidados diferenciados a partir dessa construção. Trabalhar questões que vão além do biológico com os usuários permitirá o desenvolvimento de comportamentos e atitudes favoráveis ao cuidado de saúde, para melhoria da qualidade de vida da população assistida (ANDRADE et al., 2013).

Em relação à interação entre a AB e os demais componentes da rede, é importante destacar que há diferença entre solicitar apoio matricial e encaminhar o indivíduo para um serviço especializado como o CAPS, por exemplo. O apoio matricial envolve uma assistência multiprofissional baseada na multidisciplinaridade, a fim de promover um cuidado integral, além disso, também faz parte desse cuidado o acompanhamento longitudinal que promove a responsabilidade compartilhada por parte da equipe da ESF. Já o encaminhamento promove a quebra dessa corresponsabilização, pois, ao ser encaminhado a um serviço especializado, este usuário está agora sob a responsabilidade do serviço para o qual foi encaminhado.

O apoio matricial (AM) norteia o processo de integração entre saúde mental e atenção básica e é entendido como uma nova proposta que visa transformar a lógica tradicional dos sistemas de saúde: referências e contra referências, encaminhamentos e protocolos, em ações horizontais fundamentadas no trabalho interdisciplinar e multiprofissional em que não haja um olhar fragmentado sobre a pessoa em sofrimento mental, mas sim a responsabilidade compartilhada do cuidado (MAFTUM et al., 2017).

Ocorre uma pactuação entre profissionais de referência e profissionais de apoio matricial. A equipe de referência, neste estudo representada pela equipe da ESF, tem a responsabilidade de condução de um caso individual, familiar ou comunitário, na perspectiva de acompanhamento longitudinal. E a de apoio matricial, composta por especialistas, possui conhecimento e perfil diferente dos profissionais de referência, podendo dessa forma, agregar conhecimentos e contribuir com intervenções que aumentem a resolutividade de problemas de saúde acompanhados pela equipe de referência (ARAÚJO; AVEIRO, 2018).

Atualmente, o Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) é a estratégia de matriciamento desenvolvido pelo SUS na ESF, sendo implementado na realidade dos serviços de atenção básica, com o objetivo de ampliar sua abrangência e suas ações. É constituído por equipes formadas por profissionais de diferentes áreas de conhecimento onde cada equipe é responsável por um número determinado de unidades da ESF,



Artigo

realizando matriciamento e construindo articulações com os serviços de referência existentes, tais como o CAPS (AZEVEDO et al., 2014).

A falta de capacitação dos profissionais, a baixa adesão da comunidade às atividades de educação em saúde, a negação, o medo e o estigma social ainda presente relacionado ao adoecimento mental, dando destaque para o suicídio e a fragilidades da rede foram atribuídos como dificuldades e desafios para a prevenção do suicídio pelos enfermeiros participantes da pesquisa.

Não há dúvidas que o estigma atribuído a qualquer desestabilidade psíquica gera medo e insegurança no sujeito que está passando por algum sofrimento psicológico. Isso limita a busca de ajuda, assim como revelado nas falas dos enfermeiros a seguir:

As dificuldades estão justamente nesse estigma em falar sobre e falar com quem já tentou o suicídio (E6, 2019)

A participação da população (E2, 2019)

As dificuldades [...] parte do próprio paciente na negação dos problemas que enfrentam [...] (E12, 2019)

[...] receio das pessoas em expor os seus anseios [...] (E11, 2019)

Como já anteriormente destacado, a posição privilegiada da ESF, ou seja, sua inserção na comunidade viabiliza aos profissionais da saúde, com destaque para o enfermeiro, trabalhar com usuários essa temática do suicídio, seja em consultas individuais, na própria unidade, por meio de visitas domiciliares, busca ativa, ações educativas utilizando metodologias ativas e dinâmicas fazendo com que indivíduo e comunidade não só compreenda a problemática mas também se sinta acolhido, respeitado, compreendido e responsável por sua própria saúde.

No entanto, a marginalização que envolve o comportamento suicida não se manifesta apenas por meio dos estigmas rotulados pela sociedade, mas também ao despreparo para lidar com o fenômeno (SILVA; SOUGEY; SILVA, 2015). Muitos profissionais da atenção básica sentem-se inseguros para exercer seu papel devido falta de preparo ou conhecimento para identificar e atuar nas situações precoces, capacitação profissional para lidarem com questões de saúde mental e carência de uma rede de apoio (FERREIRA et al., 2018). O que se confirma nos relatos a seguir:

Falta de capacitação para alguns profissionais (E1, 2019)



Artigo

Falta de capacitação para lidar com pacientes psiquiátricos com pensamentos suicidas (E3, 2019)

Como dificuldade encontrada está a fragilidade da rede não ser bem estruturada [...] na maioria das vezes não proporciona resposta satisfatória a necessidade do usuário (E8, 2019).

Os profissionais de enfermagem apresentam dificuldades em lidar com situações que envolvem a tentativa e o suicídio propriamente dito. Desse modo, a avaliação do comportamento suicida representa muitas vezes um desafio para estes trabalhadores interferindo diretamente nas intervenções realizadas. Dessa forma, destaca-se a necessidade de qualificação desses profissionais com a finalidade de oferecer cuidados efetivos a pessoas com risco ou tentativa de suicídio (REISDORFER et al., 2015).

A Educação Permanente em Saúde (EPS) é considerada uma estratégia para a reorganização das práticas de formação, atenção, gestão e controle social no setor da saúde, em especial na AB (OLIVEIRA et al., 2016). Por intermédio da EPS, os profissionais se tornarão cada vez mais capacitados e seguros para lidarem com a problemática, tanto na investigação do fenômeno, quanto nas intervenções diante da constatação do risco de suicídio (MAIA et al., 2017).

Em relação a Rede de Atenção à Saúde (RAS), esta precisa atuar de forma Inter setorial com o maior nível de capilaridade possível, considerando a gravidade que envolve o comportamento suicida. O indivíduo que lida com este problema necessita de uma assistência baseada na escuta qualificada, responsabilidade compartilhada e integralidade do cuidado, a fim de que haja o desenvolvimento de um plano terapêutico multidisciplinar e resolutivo. A fragmentação do cuidado representa um retrocesso para a saúde pública e, sendo assim, é necessário desenvolver meios para superá-la, entendendo que o usuário está além da doença, necessitando, portanto, de uma assistência de qualidade.

CONCLUSÃO

Pretendeu-se através deste estudo analisar as práticas dos enfermeiros da Atenção Básica direcionadas à prevenção do suicídio, identificando as ações realizadas para essa prevenção, bem como, enumerando as dificuldades e desafios encontrados para execução dessas práticas.



Artigo

Inicialmente percebe-se que os profissionais de enfermagem dispõem do conhecimento acerca do conceito de suicídio, onde foram mencionadas definições que vão de encontro com a literatura.

A partir da análise das práticas e ações desenvolvidas pelos enfermeiros para a prevenção do suicídio, bem como a identificação das dificuldades enfrentadas por eles na promoção dessa prevenção, foi possível refletir sobre a conveniência dos profissionais participantes do estudo se posicionarem como agentes transformadores frente aos desafios vivenciados diante das questões do suicídio. É imprescindível a adoção de um cuidado científico, longitudinal, resolutivo e dinâmico, planejado de acordo com as peculiaridades individuais e coletivas.

Dessa forma, conclui-se que, a disposição e o empenho, por parte dos enfermeiros, em reorientar práticas, o interesse em compreender a temática do suicídio aliados a capacitação profissional por meio da educação permanente em saúde, favorece a superação das dificuldades relacionadas as práticas de prevenção do suicídio na atenção básica.

REFERÊNCIAS

ABREU, Kelly Piacheski de et al. Comportamento suicida: fatores de risco e intervenções preventivas. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia. Vol. 12, n. 1, p. 195-200, 2010. Disponível em: <<https://www.fen.ufg.br/revista/v12/n1/pdf/v12n1a24.pdf>> Acesso em: 30 ago. 2018.

ANDRADE, Ana CV et al. Planejamento das ações educativas pela equipe multiprofissional da Estratégia Saúde da Família. **O Mundo da Saúde**, v. 37, n. 4, p. 439-49, 2013. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/artigos/mundo_saude/planejamento_acoes_educativas_equipe_multiprofissional.pdf> Acesso em: 04 mai. 2019.

ARAÚJO, Fabiane Aquino Lourenço de; AVEIRO, Mariana Chaves. Apoio matricial em Saúde Mental na Atenção Primária à Saúde: potencialidades e desafios. **Tempus Actas de Saúde Coletiva**, v. 11, n. 3, p. 85-103, 2018. Disponível em: <<http://tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/view/2259/1843>> Acesso em 28 out. 2018.



Artigo

AZEVEDO, Dulcian Medeiros de et al. Atenção básica e saúde mental: um diálogo e articulação necessários. **Revista de APS**, v. 17, n. 4, 2014. Disponível em: <<https://aps.ufjf.emnuvens.com.br/aps/article/view/2059/849>> Acesso em: 26 out. 2018.

BAHIA, Camila Alves et al. Lesão autoprovocada em todos os ciclos da vida: perfil das vítimas em serviços de urgência e emergência de capitais do Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, n. 9, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141381232017002902841&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 13 out. 2018.

BOTEGA, Neury José et al. Prevenção do comportamento suicida. **Psico**, v. 37, n. 3, p. 5, 2006. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/ojs/index.php/>> Acesso em: 30 ago. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Centro de Estudo e Pesquisa em Saúde Coletiva. **Guia prático de matriciamento em saúde mental**. Brasília: 2011, 236 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Perfil epidemiológico das tentativas e óbitos por suicídio no Brasil e a rede de atenção à saúde**. [recurso eletrônico] Volume 48, Nº 30, 2017. Disponível em: <<http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/21/2017-025-Perfil-epidemiologico-das-tentativas-e-obitos-por-suicidio-no-Brasil-e-a-rede-de-atencao-a-saude.pdf>> Acesso em: 07 set. 2018.

DIEHL, Alessandra et al. **Dependência química: prevenção, tratamento e políticas públicas** – Porto Alegre: Artmed, 2011.

FERREIRA, Micheli Leal et al. Comportamento suicida e atenção primária à saúde: uma revisão integrativa. **Enfermagem em Foco**, v. 9, n. 4, 2018. Disponível em: <<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1803>> Acesso em: 21 mar. 2019.

FERNANDES, Márcia Astrês; LIMA, Gilmara Abreu; SILVA, Joyce Soares. Escuta terapêutica como estratégia de prevenção ao suicídio: relato de experiência. **Rev. enferm. UFPI**, v. 7, n. 1, p. 75-79, 2018. Disponível em:



Artigo

<<http://www.ojs.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/6597/pdf>> Acesso em: 13 out. 2018.

HECK, Rita Maria et al. Ação dos profissionais de um centro de atenção psicossocial diante de usuários com tentativa e risco de suicídio. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 21, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v21n1/a03v21n1>> Acesso em: 30 ago. 2018

KOHLRAUSCH, Eglê et al. Atendimento ao comportamento suicida: concepções de enfermeiras de unidades de saúde. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 7, n. 4, p. 468-475, 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/6628/390>> Acesso em: 26 ago. 2018.

MAFTUM, Mariluci Alves et al. Mudanças ocorridas na prática profissional na área da saúde mental frente à reforma psiquiátrica brasileira na visão da equipe de enfermagem. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, v. 9, n. 2, p. 309-314, 2017. Disponível em: <http://seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/3626/pdf_1> Acesso em: 13 out. 2018.

MAIA, Rodrigo da Silva et al. Comportamento suicida: reflexões para profissionais de saúde. **Rev. Bras. Psicoter.(Online)**, v. 19, n. 3, p. 33-42, 2017. Disponível em: <http://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=234> Acesso em: 21 mar. 2019.

MATOS, Izabella Barison; TOASSI, Ramona Fernanda Ceriotti; DE OLIVEIRA, Maria Conceição. Profissões e ocupações de saúde eo processo de feminização: tendências e implicações. **Athenea digital**, v. 13, n. 2, p. 239-244, 2013. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/118035/000894801.pdf?sequence=1>> Acesso em: 03 mai. 2019.

MELO, Cynthia de Freitas et al. Percepção da população brasileira sobre o suicídio. **Revista de pesquisa: cuidados fundamentais**, v. 10, n. 4, p. 1085-1090, 2018. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/6328/pdf_1> Acesso em: 04 mai. 2019.



Artigo

OLIVEIRA, Elisangela Costa de et al. O cuidado em saúde mental no território: concepções de profissionais da atenção básica. **Esc Anna Nery**, v. 21, n. 3, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v21n3/pt_1414-8145-ean-2177-9465-EAN-2017-0040.pdf> Acesso em: 13 out. 2018.

OLIVEIRA, Mariana Policena Rosa de et al. Formação e qualificação dos profissionais de saúde: fatores associados à qualidade dos serviços de atenção primária à saúde. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 40, n. 4, p. 547-559, 2016 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022016000400547&lng=pt&tlng=pt> Acesso em: 03 mai. 2019.

REISDORFER, Nara et al. Suicídio na voz de profissionais de enfermagem e estratégias de intervenção diante do comportamento suicida. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 5, n. 2, p. 295-304, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/index.php/reufsm/article/view/16790>> Acesso em: 22 mar. 2019

RIBEIRO, Nilva Maria et al. Análise da tendência temporal do suicídio e de sistemas de informações em saúde em relação às tentativas de suicídio. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 27, n. 2, 2018. Disponível em: <http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010407072018000200310> Acesso em: 19 out. 2018.

SANTOS, Ronald Seixas et al. A atuação do enfermeiro com a pessoa em situação de suicídio: análise reflexiva. **Revista de enfermagem UFPE online**, v. 11, n. 2, p. 742-748, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/11995/14564>> Acesso em: 14 ago. 2018.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualitas Rev Eletr.** v. 15, n. 1, p. 01-14, 2015. Disponível em: <<http://oficinas.incubadora.ufsc.br/index.php/Lucasfranco/article/view/2336/2155>> Acesso em: 12 nov. 2018.



Artigo

SILVA, Geslaney Reis da et al. Saúde Mental na Atenção Primária à Saúde: percepções da equipe de saúde da família. **Cogitare Enfermagem**, v. 21, n. 2, 2016. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/cogitare/>> Acesso em: 05 mai. 2019.

SILVA, Nayra Karoline Neco da et al. Ações do enfermeiro na atenção básica para prevenção do suicídio. **SMAD, Revista Electrónica en Salud Mental, Alcohol y Drogas**, v. 13, n. 2, p. 71-77, 2017. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/803/80356637003.pdf>> Acesso em: 28 out. 2018.

SILVA, Priscila Freitas; NÓBREGA, Maria do Perpétuo Socorro Sousa; OLIVEIRA, Elda. Conhecimento da equipe de enfermagem e agentes comunitários sobre o comportamento suicida. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, v. 12, n. 1, p. 112-117, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/23511/25906>> Acesso em: 25 ago. 2018.

SILVA, Tatiana de Paula Santana da; SOUGEY, Everton Botelho; SILVA, Josimário. Estigma social não comportamento suicida: reflexos bioéticos. **Revista Bioética**, v. 23, n. 2, p. 419-426, 2015. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=361540658021>> Acesso em: 17 mar. 2019.

